

errico malatesta — revolta e ética anarquista

nildo avelino*

O anarquismo em sua gênese, em suas aspirações, em seus métodos de luta não está necessariamente vinculado a nenhum sistema filosófico. O anarquismo nasceu da rebelião moral contra as injustiças sociais. A partir do momento em que aqueles homens que se sentiram como sufocados pelo ambiente social em que estavam obrigados a viver e cuja sensibilidade caiu ferida diante da dor alheia, e ante a sua própria, e em que estes homens se convenceram de que grande parte da dor humana não se deve fatalmente a inexoráveis leis naturais ou sobrenaturais, senão que provém de fatos sociais que dependem da vontade humana — então se abriu o caminho que devia levar ao anarquismo.

Errico Malatesta, *Pensiero e Volontà*, 01/09/1925

* Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e integrante do Centro de Cultura Social de São Paulo.

verve, 4: 228-263, 2003

Errico Malatesta é, sem dúvida, uma das referências internacionais do movimento anarquista, figurando entre aquelas vozes que deram ao anarquismo seu corpo de concepções e práticas históricas. Juntamente com Proudhon, Bakunin e Kropotkin, Malatesta forma o quarteto que “pensou” o anarquismo, pesem as valiosas e quase desconhecidas contribuições de William Godwin e Max Stirner, e reservou para as gerações futuras um certo número de práticas com as quais os grupos e indivíduos pautaram sua atuação.

Conhece-se algumas razões da pertinência histórica desse quarteto.

Proudhon, o tipógrafo de Besançon, produziu a obra que o tornou o revolucionário mais conhecido de toda a França: *O que é a Propriedade? Ou estudos acerca do princípio do direito e do governo*, em 1840. A resposta entusiástica se tornou a máxima revolucionária mais famosa do século XIX: “É o roubo! E, implicando a negação da propriedade na negação da autoridade, deduz-se imediatamente de minha definição este corolário não menos paradoxal: a verdadeira forma de governo é a anarquia”¹. Ao contrário da tradição socialista de sua época, Proudhon concebeu algo completamente original em relação àquilo que ofereceram as concepções do saint-simonismo e pela tradição autoritária remanescente do jacobinismo; com efeito, ele proporá *algo novo*: inventou uma concepção antiestatal de gestão econômica, escapando da moda de sua época e dos prejuízos dela advindos. O que tornou possível para Proudhon esse gesto inventivo? Não se trata de responder nesse artigo a essa pergunta; mas, ela situa-se naquilo que podemos chamar de problematização do pensamento ou, em todo caso, na maneira pela qual verdades “menores” colocam em questão aquilo que até então era tido por verdadeiro; na maneira como saberes descentralizados e não-hierar-

quizados, questionam, interrogam e, como que lançando um desmentido, retiram sempre os efeitos de poder pelos quais o verdadeiro era legitimado. Trata-se de um pensamento que não nasce dos *conceitos*, mas da sua negação e da declaração da sua insuficiência diante da vida; simultaneamente, é um pensamento que parte intuitivamente de um *imediate sentimento da vida* para depois devolvê-lo “teoreticamente”. O que está em jogo, portanto, é resolver o problema da vida, ao qual tudo o mais deve orientar-se para sua solução. “Um dia perguntei-me: Por que tanta dor e miséria na sociedade? Terá o homem de ser eternamente infeliz? E, sem me deter nas explicações dos empreendedores de reformas, que atribuem à miséria geral, uns à imperícia do poder, outros aos conspiradores e aos motins; outros ainda à ignorância e à corrupção gerais; cansado dos combates intermináveis entre a tribuna e a imprensa, quis eu próprio aprofundar o problema. Consultei os mestres da ciência, li cem volumes de filosofia, direito, economia política e história; e quis Deus que vivesse um século em que tanta leitura me fosse inútil!”².

Bakunin foi um jovem entusiasta da esquerda hegeliana que penetrou nos segredos da filosofia alemã entre os anos de 1835-1836; com efeito, “esta foi para Bakunin então uma realidade, uma verdade que podia situar-se no lugar ocupado pelas supostas verdades religiosas”³. Acreditou, com isso, na possibilidade da completa *expansão* da Liberdade e Solidariedade no *mondo inteiro* e em pouco tempo passou a ser o revolucionário mais temido da burguesia européia, o conspirador incansável da ordem pública e o combatente de todas as barricadas; o revolucionário sobre quem pairava a impressão de que no “primeiro dia da revolução é uma verdadeira jóia, mas no dia seguinte deve ser fuzilado”⁴; de quem o general da Revolução de 1848, Flocon, teria de-

clarado que “se houvesse na França trezentos homens como Miguel Bakunin, todo governo seria impossível”⁵. Um homem que tendo ainda conhecido de perto o terrível poder do czar russo Nicolau I, o encarceramento e evasão da sua tenebrosa fortaleza de Pedro e Paulo, tornou-se uma lenda para os círculos operários europeus do final do século XIX. E foi exatamente com uma descrição lendária que Zola a ele se referiu num dos seus romances: “Besteiras! Mas que seja... Aliás, essa tal de Internacional vai funcionar mesmo, dentro em breve. Ele está tratando disso”. “Ele quem?”. “Ele!” Esta última palavra fôra pronunciada a meia voz, com fervor religioso, em direção ao Oriente. Falava do mestre, de Bakunin, o exterminador. “Só ele pode, tem força para isso — continuou. Esses teus sábios são uns idiotas com suas teorias da evolução. Dentro de três anos a Internacional, sob as ordens de Bakunin, vai esmagar o velho mundo”⁶.

Kropotkin foi a grande personalidade internacionalmente reconhecida pela comunidade científica por suas pesquisas na Sibéria em geografia e geologia, realizadas para a Sociedade de Geografia Russa, mantendo estreita relação com a *Geographical Society*, colaborando na imprensa especializada de sua época como o *Geographical Journal*, *The Nineteenth Century* e a *British Encyclopedia*; “poeta da ciência”, como dirá dele Malatesta, a quem se deve o desmentido das teorias do darwinismo social de Huxley. Também o “príncipe” do anarquismo, para mencionar o termo bastante inapropriado lançado pelo historiador Woodcock; em todo caso, foi certamente o “intérprete da utopia anarquista” mais lido pelos círculos operários, artísticos e intelectuais, nas regiões onde a cultura anarquista preponderou. A esse respeito, pode-se citar como exemplo o folheto por ele escrito em 1881, “Aos Jovens”, de grande circulação

e influência, traduzido para doze idiomas e levado para os países da América do Sul e para os Estados Unidos⁷. Também autor da obra, provavelmente a mais celebrada no meio anarquista, *A conquista do pão*, de 1892, em que buscou as bases científicas ao *slogan* do “bem estar para todos”, erguendo em *teoria* a solidariedade entre os homens e desenvolvendo os *princípios morais* da sociedade futura. Kropotkin encontrou para o anarquismo uma justificação científica, operando em seus postulados uma *sistematização* sem precedentes e cuja implicação foi um afastamento do *problema da vida*. Disse que “a ciência contemporânea conseguiu deste modo um duplo objetivo. Por um lado deu ao homem uma preciosa lição de modéstia, ensinado-lhe que é tão-somente uma partícula infinitamente pequena do universo. Com isso, o retirou de seu estreito e egoísta isolamento. Dissipou sua ilusão de crer-se centro do universo e objeto da preocupação especial do criador. Ensinou-lhe que sem o grande Todo, nosso “Eu” não é nada e que para determinar o “eu” um certo “tu” é imprescindível”⁸.

Malatesta foi um jovem estudante de medicina que interrompeu os estudos para dedicar a vida ao movimento anarquista; homem de poucos escritos, de ação comedida, mas de grande influência entre aqueles com quem conviveu e de incansável militância. Manteve ação ativa na Internacional e se tornou mundialmente conhecido, não por algum sistema de idéias, mas, paradoxalmente, pelas polêmicas sustentadas com democratas, socialistas, comunistas e anarquistas, pelo substrato pedagógico e ético que essas polêmicas contém e pela sensibilidade política que elas transmitem. Ao contrário de seus predecessores, não valorizou nem a ciência, nem a filosofia, mas inventou uma concepção que ficou conhecida como *voluntarismo anarquista* que postulou o

anarquismo como um *estilo de vida* em que se reclama uma *atitude* diante da autoridade.

É preciso reconhecer que há entre esses homens diferenças, muitas vezes, insuperáveis. É preciso ver que o anarquismo, embora possa ser concebido como “um conjunto de postulados básicos convergentes”⁹, no seu desenvolvimento histórico há pouca ou quase nenhuma linearidade, mas há alguma descontinuidade. E penso que essa descontinuidade é fundamental para entendê-lo de uma forma mais libertária e mais anárquica, evitando a celebração unitária e reducionista das teorias totalizantes.

Malatesta se diferenciou dos outros militantes anarquistas que procuraram fundamentar suas premissas socialistas libertárias ora na razão (como Godwin), ora nas leis sociais (como Proudhon), ora num certo evolucionismo (como Kropotkin); a singularidade de Malatesta reside no fato dele ter buscado a validade da proposta socialista libertária em fundamentos ético-políticos, ou seja, no movimento real dos indivíduos e das associações de indivíduos. Há em Malatesta uma *menoridade*¹⁰ em relação aos seus predecessores e contemporâneos; uma menoridade, entretanto, que não é da ordem da *teoria*: seu pensamento é inseparável de sua ação e sua conduta é resultante de seu amplo envolvimento com a realidade de sua época. Malatesta conviveu com os últimos anos da vida de Bakunin, conheceu os terrores da repressão à Comuna de Paris, assistiu à criação e à extinção da seção italiana da Primeira Internacional, a formação da Segunda, o triunfo da Revolução Russa e a sua posterior decadência. Viveu e morreu sob o fascismo. Essa trajetória, da qual os limites desse artigo não nos permitirão dar conta, é todavia o que possibilita ver em Malatesta “um exemplo de

integração de teoria e prática, raro nos dias que correm”¹¹.

Tudo ocorre como se o anarquismo, partindo com Proudhon de um intuitivo sentimento de vida, formulando-se como solução para o problema da vida, ganhasse em *extensão* com a ação e o sentido dado por Bakunin e, posteriormente, em *sistematização* pela interpretação de Kropotkin, o que vai provocar um certo esvaziamento ético de seus postulados, um certo afastamento daquela imediata intuição da vida que lhe é originário. Finalmente, a anarquia é retomada dentro de uma dimensão ética-política com Malatesta. É o que este artigo pretende esclarecer.

Descontinuidades

Até a influência de Bakunin a partir de 1868, a AIT (Associação Internacional de Trabalhadores), fundada em 1864, tem como seus principais elementos constitutivos os sindicalistas britânicos e os mutualistas franceses unidos pelo desejo de “melhorar” as condições da classe operária no seio da sociedade existente e no desprezo, principalmente entre os franceses, pela luta política. As razões dessa “melhoria das condições” podem ser buscadas naquela “prudência” própria a Proudhon e que deve ser atribuída à sua concepção de progresso. A correspondência que jogou Proudhon e Marx em campos inimigos ressalta não apenas a diferença de caráter entre os dois socialistas, como também a posição de ambos em relação ao socialismo. Marx, em sua carta, manifestou a necessidade do que chamou de um *coup de main*, o “momento de ação” ou choque revolucionário; Proudhon lhe respondeu que “nossos proletários têm tal sede de compreensão que seríamos por eles muito

mal recebidos se nada lhes déssemos a beber senão sangue”¹².

Para Proudhon “quem diz revolução diz necessariamente progresso” e isso não apenas retira o valor de qualquer Revolução como ruptura brusca, mas ainda a coloca num campo negativo como apelação à força e como arbitrariedade e, neste sentido, como contradição e contra-revolução. Para ele, o progresso nunca se apresenta como uma repentina metamorfose, e sim como prolongamento e conseqüência das etapas do desenvolvimento que a precede; o “golpe” não é mais que um movimento sucessor da velha ordem pela nova ordem que se descobre pelo corte e pela descontinuidade. É por isso que a “pregação” revolucionária é para ele uma arrogância desmedida, onde: “acumular os ressentimentos e, se é possível fazer essa comparação, armazenar, por compreensão, a potência revolucionária, é condenar-se a franquear de um salto todo o espaço que a prudência ordena recorrer no detalhe e pôr, no lugar do progresso contínuo, o progresso em saltos e tremores”¹³.

Essas foram as noções que animaram a ala mutualista francesa e suíça da Internacional, as mais expressivas até a chegada de Bakunin.

O enfraquecimento dessa tendência pôde ser percebido já em 1867. No congresso de Lausanne, as tendências de melhoria das condições abrandaram sensivelmente e a Internacional se viu empurrada pela força dos acontecimentos em direção ao coletivismo inspirado por Bakunin. Já não se trata de melhorar as condições e reformar a sociedade existente, mas de destruí-la para construir outra nova, e assim o coletivismo se desgarrar e se impõe progressivamente, enquanto os “progres-sistas”, em cada greve declarada, perdem ter-

reno em proveito dos partidários da ruptura revolucionária.

Bakunin terá um papel eminente nesse processo de radicalização da Internacional e com ele o anarquismo viverá sua “época das revoluções” nesse contexto de vicissitudes do movimento operário europeu que compreende o período de 1830-1870, cujo ápice pode ser visto na aparição da 1ª Internacional e seu declínio na repressão à Comuna de Paris. É sem dúvida um dos períodos mais turbulentos da história do movimento operário. Nesta época a Europa é constantemente convulsionada por revoltas e insurreições populares que são em si a demonstração da força de sua organização. O grande tremor que iria sacudir o mundo em 1848 havia destronado a monarquia francesa e implantado o governo provisório. Disse Bakunin: “me levantava as quatro, às cinco horas da madrugada e me deitava as duas, permanecendo todo o dia em pé, assistindo as assembléias, reuniões, *clubs*, manifestações, passeios ou demonstrações; em uma palavra, absorvia por todos os meus sentidos e por todos os meus poros a embriaguez da atmosfera revolucionária”¹⁴.

É desta forma que até 1870 o efervescente clima revolucionário europeu, com o crescimento espantoso da AIT e sua radicalização sem precedentes sob a influência de Bakunin, acalentou nos militantes a certeza da greve geral, como o estopim para a Revolução Social. As crescentes greves a partir de 1866 foram seguidas de uma adesão em massa à Internacional; em Lyon se disse, após um episódio grevista, que “não foi a Internacional quem empurrou os operários para a greve, e sim a greve que os lançou na Internacional”¹⁵. Durante o Congresso de Genebra, em 1866, o número de adesistas na França não ultrapassou 500; em 1868 eram apenas 2.000; mas, em 1869, e nos primeiros meses de 1870,

os inscritos somavam 245.000 membros¹⁶. Nesta altura o proudhonismo “esfriou” e prevaleceu o coletivismo inspirado por Bakunin. Toulain, um dos mais expressivos proudhonianos, cedeu lugar a Eugène Varlin, um dos maiores expoentes do anarco-sindicalismo francês, considerado o “antecedente vivo de Pelloutier, Griffulhes, Merrheim, Monatte, etc.”¹⁷.

No entanto, em 15 de Julho de 1870 foi anunciada a guerra franco-prussiana. Paris foi encerrada num círculo de fogo e Napoleão III rendeu-se em 2 de Setembro. Ao receber a notícia, o Império se desintegra e proclama-se a República. Em 28 de março de 1871 é proclamada a Comuna com 229.000 votos.

Em maio, Thiers reúne 130.000 soldados que afogam em sangue as barricadas dos comunardistas. A seção franco-suíça da Internacional fornece muitos dos seus combatentes. Um dos mais célebres entre os jovens combatentes internacionalistas foi Eugène Varlin. Combatu em todas as barricadas da Comuna e, quando não restou nenhuma, abandonou-se ao azar. Reconhecido e denunciado por um padre na *Place Cadet* foi detido pelo tenente Sicre que o conduziu de mãos atadas às costas. O jovem membro da Internacional foi, segundo Lissagaray, um dos maiores historiadores da Comuna, o nervo das associações operárias do final do Império. Incansável, modesto, um dos primeiros que em 18 de março trabalhou durante toda a Comuna e esteve em suas barricadas até o fim. A sua morte é terrível e marcará profundamente a geração anarquista seguinte: “Aquele Varlin que arriscara a vida para salvar os reféns da rue Haxo foi arrastado mais de uma hora pelas ruas escarpas de Montmartre. Sob uma chuva de golpes, sua jovem cabeça meditativa, que só tivera pensamentos fraternos, converteu-se em montão de carne informe, com um olho pendendo da órbita. Quando che-

gou à rue des Rosiers, ao estado maior, já não caminhava, era carregado. Sentaram-no para o fuzilamento. Os soldados destroçaram o cadáver a coronhadas. Sicre roubou seu relógio e se enfeitou com ele”¹⁸.

Cem mil pessoas caíram vítimas da repressão à Comuna. Thiers, defendendo o “máximo rigor”, proferiu a frase que se tornou célebre: “O socialismo estaria acabado por muito tempo”¹⁹. De fato, o afogamento em sangue da Comuna foi igualmente o extermínio do movimento revolucionário francês; com ela, a seção da Internacional francesa, a mais expressiva, desapareceu deixando-a à disposição das manobras de Marx e Engels²⁰, que culminou na expulsão, em setembro de 1872, durante o congresso de Haia, da ala anti-autoritária e federalista representada por Bakunin.

Será preciso uma análise mais detalhada para se tirar maiores proveitos do impacto que a feroz repressão que se abateu sobre o movimento operário nesta década de 1870 imprimirá nos corações dos militantes. Entretanto, podemos supor que tenha sido o bastante para uma reavaliação de suas táticas, o que pôde ser ouvido anos mais tarde nas palavras de Reclus, ex-prespo comunardista, ao declarar que “aqueles dentre nós que combateram pela Comuna conhecem essas terríveis ressacas da maré humana. Na partida para os postos avançados, acompanhavam-nos saudações comoventes, lágrimas de admiração brilhavam nos olhos daqueles que nos aclamavam, as mulheres agitavam seus lenços carinhosamente. Mas qual foi a acolhida dos heróis da véspera que, depois de ter escapado do massacre, retornaram como prisioneiros entre duas fileiras de soldados? Em muitos bairros, o povo compunha-se dos mesmos indivíduos; mas que contraste absoluto em seus sentimentos e em sua atitude! Que conjunto de gritos e de maldições! Que ferocidade nas palavras de ódio. [...]

[Concluindo que] Já não basta lançar-se furiosamente à batalha [...]. A primeira condição para o triunfo é nos livrarmos da ignorância”²¹.

Daqui por diante, os métodos de ação anarquistas sofreriam uma sensível mudança, sobretudo com a atuação da conhecida corrente anarco-comunista representada por Kropotkin, Reclus e Malatesta. Os chamados “à Revolução”, a ação de sublevar as massas descontentes e incitá-las ao motim foram, certamente não abandonados, mas relativizados pela geração seguinte de anarquistas. Um certo ingrediente ético-pedagógico seria intensificado nos métodos anarquistas com objetivo de fomentar não apenas a revolta, mas “forças conscientes”.

Um outro impulso seria dado ao anarquismo numa direção distinta daquela que inspirava Bakunin. Com efeito, essa jovem geração de anarquistas que se declarou comunista, acolherá não apenas o encanto incendiário de Bakunin, como também a amarga lição dos tempos.

A emergência de Errico Malatesta

A pessoa

Neste contexto é que emerge a figura de Errico Malatesta. Nascido em 14 de dezembro de 1853, em Santa Maria Capua Vetere, uma cidade pouco habitada perto de Nápoles, de uma família pertencente à pequena burguesia. Conhece Saverio Merlino, com quem polemizou mais tarde, quando se dedicou aos estudos clássicos em uma escola religiosa. Aos quatorze anos, escreveu uma carta insolente ao rei Victor Manuel II que o levou à prisão onde ficou detido um dia. De volta à família, o pai, de formação liberal, tentou dar-lhe lições de moderação. Não pretendia segui-lo e deste ouviu as

seguintes palavras: “Pobre filho meu, sinto em dizer-lhe, porém acabarás na forca!”²². É provável que o impulso antimonarquista e até mesmo seu republicanismo “precoce” fosse devido ao fato de ter contemplado, ainda na sua infância, os efeitos do absolutismo dos Bourbons e a epopéia garibaldina na sua cidade natal, palco de violentos enfrentamentos. Já em Nápoles, fora da Faculdade de Medicina, Malatesta participou das manifestações populares motivadas pela unificação italiana, declarando a Max Nettlau, “Como republicano contemplei pela primeira vez o interior de um cárcere da monarquia”²³; foi republicano desde os quatorze anos e manteve vivas simpatias por Giuseppe Mazzini, escrevendo em 1926, aos 73 anos que, “no fundo de nosso coração e nos sentimentos que ele nos inspirou, fomos mazzinianos como Mazzini foi internacionalista”²⁴.

Os veteranos da sociedade secreta mazziniana observavam o comportamento de seus candidatos ao ingresso durante um certo tempo, sendo depois proposta a admissão; foi informado a Mazzini que Malatesta tinha um espírito “independente, propício à desobediência, pouco disposto em submeter-se à rigorosa disciplina intelectual e moral”, teve seu pedido de adesão a Alleanza Republicana Universale negado, o que o lançou às fileiras da Internacional, em 1871, conhecendo, entre outros, Giuseppe Fanelli.

Dedicou-se de corpo e alma à seção italiana, interrompendo seus estudos de medicina na Universidade de Nápoles. Atirou seu patrimônio na propaganda e na organização anarquistas. Dirigiu-se ao congresso de Saint-Imier, em 1872, porém antes encontrou-se, pela primeira vez, com Bakunin, em Zurique, onde permaneceu dezesseis dias. A relação entre os dois passou a ser estreita e freqüente fazendo do jovem italiano um secretário ocasional de Bakunin. Com efeito, observou

Nettlau que: “Bakunin viveu conosco por que sobreviveu durante mais de meio século na modesta figura de Malatesta”²⁵.

Não obstante, algumas distinções marcarão os métodos de ação entre Bakunin e Malatesta. Ao contrário de Bakunin, Malatesta não foi o “incendiário”, o propagandista poderoso, ardente e irresistível ao qual se atribui a personalidade de Bakunin. Malatesta, veremos, também tinha o “diabo no corpo”, mas a fascinação e o entusiasmo que exerceu era de outra natureza. Não lançou mão de grandes palavras, tampouco utilizou uma literatura rebuscada e eloqüente. Segundo Luigi Fabbri, “seu melhor livro, Malatesta o escreveu com sua própria vida”²⁶.

Em Malatesta isso é enfático. Fabbri recorda o dia em que o conheceu como sendo “o da impressão mais forte de sua longínqua juventude”. Neste primeiro encontro, iniciou com ele uma discussão num sábado que durou até às três da manhã do dia seguinte, interrompida para descansar e despertar às sete da manhã para continuar a conversa que terminou ao anoitecer. Depois disso, a anarquia que lhe era a *fé mais radiante* de sua primeira juventude, tornou-se *saber vital*.

Malatesta convenceu mais pela sua pessoa do que por uma lógica aparente. Ao falar, o interlocutor era atraído não por um palavreado rebuscado, mas por um despertar das “melhores qualidades”. Esse “fundo” de sensibilidade política a tudo que é intolerável e inaceitável, que podemos chamar “racionalidade estética”, contido nas palavras de Malatesta, é de onde resultou sua eficácia persuasiva que provocou enorme influência nos lugares mais díspares e antagônicos. A ex-rainha de Nápoles, Maria Sofia, nutriu profunda impressão por

Malatesta; noutra ocasião Malatesta, durante um processo, fez correr as lágrimas de alguns juizes e policiais ao falar das famílias operárias. Fabbri menciona como o juiz Alípio Alippi, católico e reacionário, lhe falou sobre Malatesta, a quem tinha conhecido por razões de ofício, declarando que “se todos os anarquistas tivessem sido como Malatesta, a anarquia teria podido ser uma realização da palavra de Cristo”²⁷. E quando, em 1913-14, aos guardas encarregados em vigiar dia e noite a porta de sua casa, foi perguntado se ele não escaparia durante seu revezamento, eles responderam que: “Um homem tão bom como ele não pode fazer nenhum mau”.

Do mesmo modo aconteceu durante um encontro em Persieto no ano de 1920. O pequeno coreto da praça reservado para seu discurso, foi cercado por uma numerosa patrulha de *carabinieri* muito bem armados. “Parecia uma provocação!”. Perguntou-se a Malatesta se não era necessário exigir a saída da força pública: “Não — respondeu —, deixem-nos tranqüilos; também falarei para eles”. Começou falando da miséria das famílias camponesas de Itália dentro das quais o Estado recruta, aproveitando-se do impulso da fome de que padece, a maioria dos *carabinieri* e agentes de polícia; falou das mães cujos filhos muitas vezes não voltam a ver novamente. Assustado pela impressão das palavras de Malatesta em sua tropa, o tenente acreditou mais prudente fazê-la sair e deixar o *meeting* se desenvolver sem vigilância alguma²⁸.

Pesando sobre Malatesta o *ammonizione*, espécie de liberdade vigiada, encontrou em 1876, num bairro da periferia de Nápoles, um antigo diretor de um cárcere de Trani, que o recebeu com grande alegria. Malatesta contou-lhe que era perseguido pela polícia e não sabia mais onde esconder-se para passar a noite: “Vem à minha casa — lhe disse Battistelli —; te esconderei”. “On-

de? No Cárcere!” [exclamou Malatesta] “Malatesta aceitou. Assim foi que, por alguns dias, para não ser encarcerado, o temido internacionalista se refugiou... no cárcere!”²⁹.

Fabbri recorda como Malatesta se levantou contra um companheiro, fazendo-o corar e calar-se, por ter falado com pouca consideração a respeito de uma prostituta. E ao passar seus últimos anos na Itália fascista, viveu em estreita humildade devido à ajuda de companheiros do exterior. Porém, foi ainda essa ajuda que também lhe permitiu auxiliar, uma vez e outra, em socorro de algum desventurado além da fronteira, anarquista ou não.

Certa vez, num momento de crise quando morou em Londres, os amigos o aconselharam a vender coisas na cidade. Adquiriu um carrinho de mão e alguns doces e saiu. No primeiro dia aproximou-se um menino mal vestido que lhe pediu um doce. Malatesta deu-lhe, seguido de carícia afetuosa. Aos poucos chegaram mais e mais crianças até que Malatesta se viu cercado delas, que ganharam todos os doces. Ao ser perguntado por Kropotkin como andava o novo ofício, respondeu sorridente: “Clientela não me faltaria, porém me faltam os meios de adquirir as mercadorias”³⁰.

É preciso insistir que essa disposição para a generosidade, que não deve ser confundida com fraqueza, se trata de uma bondade viril. Se trata de uma capacidade de julgamento e de diferenciação que repousa sobre a sensibilidade. Isso era para ele nada mais que anarquia, era arma de luta e fermento de rebeldia. Para Malatesta a existência anarquista não se limita à persuasão lógica e teórica acerca das injustiças da organização social; não basta a simples manifestação do convencimento de uma melhor organização. O valor anarquista reside num sen-

timento que se pode ter pela vontade. Esse sentimento é a generosidade voluntária e deliberada pelo próximo, pelo desejo do bem-estar alheio e pela sua liberdade: “Que não nos venham com ‘filosofias’ [dizia] a nos falar de egoísmo, altruísmo e outros quebra-cabeças. Estamos de acordo: somos todos egoístas, todos buscamos nossa satisfação. Porém é anarquista aquele cuja máxima satisfação é a de lutar para o bem de todos”³¹.

Para Malatesta o ódio à opressão e o desejo de poder expressar a própria personalidade não bastam para fazer de alguém anarquista; essas aspirações devem ser acompanhadas pelo desejo de que *todos* desfrutem de igual liberdade, e da junção destas surge um *estilo* com o qual não se obtém mais que rebeldes anarquistas.

Malatesta fez do sentimento de simpatia uma posição política que para ele era o mesmo valor que a solidariedade para Kropotkin, mas em oposição aberta a este se recusou transformá-lo em arte de *teoria*. Esse sentimento o fez pronunciar que se dispunha a “sacrificar todos os princípios para salvar um homem” e que “se para vencer se devesse elevar a força nas praças, preferia perder”.

Mesmo pesando sobre as costas uma condenação, em 1884, dirige-se a Nápoles para ajudar no combate a uma epidemia de cólera; segundo consta, seus conhecimentos de medicina fizeram com que o setor que orientou tenha registrado mais curas, pelo que lhe foi endereçado um despacho oficial de agradecimentos pelo empenho. Malatesta respondeu: “a verdadeira causa da cólera é a miséria e o único remédio eficaz para evitar o regresso da epidemia era a revolução social”.

É preciso mencionar ainda o fato de Malatesta ter abandonado a faculdade de medicina muito cedo, e de ter, aos vinte anos, aprendido a profissão de mecânico

eletricista na oficina de seu amigo internacionalista, Agenore Natta, profissão que manteve até a morte. A lamentar fica apenas o fato de Malatesta nunca ter se ocupado em sistematizar seu pensamento. Fabbri sublinhará que seu *maior impedimento material foi que deveu trabalhar sempre para viver*. Desde então, Malatesta se entregou a um trabalho extenuante.

Durante seu exílio em Londres, Pietro Gori encontrou Kropotkin para visitarem Malatesta; ao chegarem, viram-no suspendendo um letreiro de uma firma comercial. Kropotkin, então, exprimiu: *que homem admirável!*, ao que acrescentou Gori: “Sim, Malatesta é admirável; porém que triste mundo é esse que obriga a uma inteligência tão alta a gastar tempo, energia e saúde em um trabalho como esse, que tantos outros saberiam realizar, impedindo-lhe de efetuar aquilo que só ele sabe fazer! E que grande erro de nosso movimento não achar um modo de permitir a este homem cumprir aquele trabalho, mais útil à humanidade, de que tão capaz ele é!”³². E foi ainda Fabbri quem o encontrou em Roma, em 1923, já com setenta anos, na mesma circunstância que fez Gori pronunciar essas palavras.

De fato, para Malatesta viver com menos sacrifícios dependia da recusa voluntária aos privilégios que lhe trouxesse sua grande inteligência; poderia ter colecionado títulos e adquirido status sem, no entanto, abandonar suas posições anarquistas tal como fizeram seus velhos amigos Kropotkin e Reclus; era, porém, contrário ao conforto da profissão literária e desprendido dos luxos da vida.

Dentre os grandes “teóricos” do anarquismo internacional, e aqui poderíamos dizer Godwin, Proudhon, Bakunin e Kropotkin, Malatesta foi o anarquista de carne e osso; jamais foi um “revolucionário especialista”,

nem santo, nem herói, nem sequer um homem “predestinado”; foi um companheiro entre os outros. Jamais impôs seus argumentos sob o peso da sua personalidade ou em nome de qualquer outra verdade científica ou filosófica. Evitou a idéia vulgarizada do “super-homem”, do culto à personalidade e durante o congresso de Berna, em 1876, Malatesta protestou contra o costume de chamarem a si mesmo de “bakuninistas”: “por que não somos, já que não compartilhamos de todas as idéias práticas e teóricas de Bakunin, e sobretudo por que seguimos as idéias e não os homens, e nos rebelamos contra o costume de encarnar um princípio em um homem”³³. Por isso Malatesta jamais se utilizou de truques oratórios, sabendo fazer transbordar em seus escritos uma lógica sensível e de sentido comum.

Sobre o homem que foi Malatesta, é preciso dizer ainda que se trata da atitude anarquista na sua mais clara expressão: recusou-se a vincular o anarquismo a qualquer sistema filosófico ou científico. Anarquia era para ele uma conduta, um modo de vida individual e social, ou, como gostava de dizer, “uma hipótese experimental aplicada à arte de viver em sociedade”.

A ação

Malatesta conheceu e conviveu com uma galeria de grandes homens. Garibaldi, Mazzini, Marx e Bakunin foram os primeiros mestres de sua juventude; ingressou na seção napolitana da Internacional aos dezessete anos, da qual se tornou secretário no inverno de 1872. Mas foi de Bakunin que recebeu uma forte influência.

No mesmo ano, foi a Zurique encontrar a delegação espanhola que regressava do congresso de Haia, e também com o próprio Bakunin. Durante inúmeras discussões, funda com ele e outros companheiros a Aliança

dos Revolucionários Socialistas; assistiu o congresso anti-autoritário de Saint-Imier do qual resultou a rejeição das propostas marxistas e autoritárias. Retornou à Itália para assistir a um congresso em Bolonha, sendo preso e encarcerado por 54 dias. Ao ser posto em liberdade, pretendeu fazer uma viagem secreta com Bakunin para Barcelona, e ao fazer os preparativos, juntamente com Cafiero, foi novamente detido por mais seis meses.

A década de 1860-70 foi particularmente repressiva na Itália, sobretudo devido às ações dos garibaldinos e da Alleanza de Mazzini; foi então que, em 1874, preparando uma insurreição generalizada, Malatesta percorreu de Nápoles à Sicília, organizando ações e fornecendo armamentos. Ao fim dessa revolta, seguiu-se um imenso processo contra ele e outros revolucionários em Trani. Vai para Lugano (Suíça), em 1875, e verá Bakunin pela última vez.

De volta à Itália, Malatesta se envolve em novo levante, e é novamente detido juntamente com outros 23 revolucionários. Não podendo mais permanecer na Itália, percorre respectivamente Egito, Síria, França, Suíça, Bélgica, exilando-se finalmente em Londres, em 1881.

Conhece em Genebra, no ano de 1879, Kropotkin, a quem vê com freqüência em Londres; em 1882, irá ao Egito na tentativa de sublevar os árabes contra os ingleses. Depois segue, com outros companheiros, para Buenos Aires, onde manterá uma intensa propaganda coordenada durante os anos de 1885 a 1889, dirigindo o jornal bilíngüe *La Questione Sociale* e fundando, com outros companheiros, o sindicato dos padeiros, um dos mais combativos. No ano seguinte vai à Patagônia dedi-

car-se ao garimpo, tentando obter ouro para a propaganda anarquista³⁴.

Ao regressar à Europa, no verão de 1889, Malatesta encontrou o anarquismo debilitado e o socialismo parlamentarista fortalecido. Max Nettlau observará que na década de 1880 o anarquismo se resumia a três concepções: o individualismo americano de Tucker, o coletivismo espanhol e o comunismo franco-italiano³⁵; as cisões resultantes dessas diferenças teóricas reduziram a propaganda anarquista à quase esterilidade. Foi quando Malatesta escreveu seu “Appello”, insistindo na necessidade de abandonar todos os “exclusivismos de escola” para a formação de associações livres, por livres pactos. Segundo Malatesta, “fora destes extremos não teremos razão de dividirmos em pequenas escolas pelo furor de determinar com excesso as particularidades, variáveis segundo o lugar e o tempo, da sociedade futura [...] não é lícito dividirmos por puras hipóteses”³⁶.

As palavras de Malatesta, na época, soaram como heresias. O ambiente era constituído pelos anarquistas que consideravam como fórmulas definitivas as idéias de Kropotkin por um lado, e por outro, pelos anarquistas ultra-individualistas que se especializaram em atacar os “organizadores” e “moralistas” da anarquia. Os escritos de Kropotkin eram considerados como as últimas palavras da anarquia, e vivia-se um ambiente tranqüilamente sem organização e sem relações organizativas. Malatesta, sem polemizar abertamente com Kropotkin, passa a escrever sobre as necessidades da organização.

Suas idéias foram mais bem acolhidas na Itália e na Espanha, onde pronunciou diversas conferências em Barcelona e Sevilha e manteve estreito contato com Ricardo Mella.

Retornou clandestinamente à Itália e fundou no ano de 1897, em Ancona, o periódico *L'Agitazione*, iniciando a conhecida polêmica com Merlino, contra suas tendências parlamentaristas, que durou um ano.

Foi preso durante uma manifestação em 1898 e condenado a “domicilio coatto” (desterro) por cinco anos numa ilha inóspita em Ustica. Isso não estava em seus planos. Na noite de 09 de maio de 1899, atirou-se na água com outros companheiros e nadaram até um barco próximo da ilha. Parte para os Estados Unidos no mesmo ano, quando polemiza com o anarquista individualista Giuseppe Ciancabilla e sua publicação *L'Aurora*. Será vítima de um atentado durante uma conferência em Nova Jersey, após uma calorosa discussão com um ouvinte que após interrompê-lo várias vezes saca uma pistola e o fere na perna. O autor do disparo, imobilizado por Gaetano Bresci (futuro assassino do rei de Itália, Humberto I), não era anarquista, desmentindo o que se atribuiu muitas vezes a Ciancabilla³⁷.

De volta a Londres em 1900, dirigiu-se a Paris no 1º de Maio de 1906 aguardando uma grandiosa manifestação, no apogeu do anarco-sindicalismo. Retorna à Londres decepcionado. Estando em sua residência, Fabbri o surpreendeu com a “fé diminuída, que era muita em 1897 e até há pouco, no movimento sindicalista”³⁸. Em Paris, teve a impressão que o sindicalismo estava em sua fase descendente e que diminuiu, ao invés de aumentar, a combatividade dos anarquistas; impressionou-lhe o fato de que o vigoroso caráter de lutadores se imobilizou e se acomodou nos postos de responsabilidade e direção das organizações sindicais. A hostilidade de revolucionário só se fazia sentir contra as últimas rodas da engrenagem estatal, enquanto que com os principais responsáveis se discutia afavelmente.

Malatesta sentiu atenuar-se o espírito de rebelião no sindicalismo francês, fazendo com que seus militantes escolhessem caminhos mais cômodos. Ele estava convencido da necessidade dos sindicatos, bem como das associações culturais, agrupamentos recreativos, etc., porém afirmou que tudo isso resulta inútil “sem a luta e a revolta diretas e ativas, sem fatos revolucionários concretos”³⁹. No ano seguinte, durante o Congresso Internacional Anarquista de Amsterdã, todos foram tomados por uma surpresa geral ao verem Malatesta se opor ao sindicalismo tal como era apresentado.

Em 1913, Malatesta resolve voltar à Itália diante dos acontecimentos que levaram à “semana vermelha”. Toma essa decisão pesando-lhe sessenta anos, idade com a qual muitos revolucionários se retiram da vida pública para dedicarem-se às suas memórias. Funda, juntamente com Luigi Fabbri e César Agostinelle, um dos mais expressivos periódicos de Itália: *Volontà*. Conhece o então diretor da folha socialista *Avanti!*, Benito Mussolini, de quem dirá “esse homem é revolucionário apenas no jornal. Não há nada que fazer com ele!”⁴⁰.

É obrigado a evadir-se novamente para Londres, no ano seguinte, onde debaterá abertamente com Kropotkin e o grupo dos “quinze” na polêmica contra a guerra que assume a extensão da ruptura pessoal entre os dois velhos amigos. Malatesta retorna à Itália em 1919, em plena ascensão fascista.

Lá é recebido como uma grande figura pública, por uma multidão que o aplaudiu sob bandeiras vermelhas nos bairros populares por onde passava. O *Corriere della Sera* dizia que “o anarquista Malatesta é hoje uma das maiores personagens da vida italiana. As multidões das cidades correm ao seu encontro e lhe entregam as chaves de suas portas, como costumava fazer em outro tem-

po, só que já não há portas”⁴¹. Em Milão, funda o periódico *Umanità Nova*, em 1920.

Foi preso mais uma vez em 1919, juntamente com outros companheiros fazendo greve de fome em protesto. Na primeira página o *Umanità Nova* estampou que Malatesta corria um grande risco de morrer devido sua idade e grande debilidade física. A Itália comoveu-se e ocorreram, de imediato, inúmeras greves e atentados.

O fascismo fecha a edição de *Umanità Nova*. Malatesta fazia sua última viagem ao estrangeiro clandestinamente, em setembro de 1922, por ocasião das comemorações do cinquentenário do congresso anti-autoritário de Saint-Imier e do qual era o último participante vivo. Nessa ocasião, publica longo artigo lembrando “A Primeira Internacional”. Por ocasião de seu 70º aniversário, um grupo de amigos ofereceu a Malatesta os meios de continuar trabalhando pela causa. Por iniciativa do periódico *Fede!*, dirigido por Luigi Damiani, foram recolhidos alguns milhares de liras para que o já velho militante pudesse iniciar uma nova publicação regular. Em 1º de janeiro de 1924, surge em Roma *Pensiero e Volontà (Rivista quindicinale di studi sociali e di coltura generale. Roma, 1924-1926)*, publicação que Malatesta não redigiu como atividade periodística. Nela se encontram os seus escritos mais extensos e, na falta de palavra melhor, mais maduros, relatando suas recordações de Bakunin e Kropotkin e delimitando os erros e êxitos destes militantes.

Malatesta passou os últimos anos de sua vida em prisão domiciliar; isso também foi um ato voluntário, pois seu amigo Fabbri lhe havia sinalizado várias vezes para deixar a Itália. Malatesta não quis! Sua oficina tinha sido saqueada pelos fascistas, as casas onde fazia

algum trabalho mecânico eram por eles revistadas, ficando limitado a viver da ajuda de seus companheiros.

Mussolini impôs-lhe um duro silêncio. Colocou diante de sua porta uma vigilância de 24 horas, e o simples ato de cumprimentar-lhe na rua levava quem o praticasse a um interrogatório. Era uma figura demais notória para ser fuzilada e muito corajosa para se deixar em paz: foi preciso matá-lo aos poucos!

Quando morreu em 22 de julho de 1932, em Roma aos 79 anos, apenas sua companheira, filha e sobrinhos, puderam acompanhar o féretro. O espectro de sua pessoa era tal que o comissário de polícia dizia em nota confidencial que “hoje, o célebre anarquista Errico Malatesta faleceu, em Roma. Peço que a vigilância sobre os elementos anarquistas e subversivos seja intensificada, a fim de se impedir todo e qualquer tipo de manifestação. Recomendo a maior atenção, visto que Malatesta tinha muitos partidários, há vários anos que aqui se encontrava e fazia uma propaganda eficaz”⁴².

Os fascistas o enterraram em vala comum e jogaram sobre sua tumba uma cruz, contrariando os pedidos da família para se fazer um enterro ateu.

O pensamento

Malatesta é considerado, com unanimidade, o mais realista entre aqueles pensadores anarquistas internacionais; a atualidade e a contemporaneidade de suas idéias está nesta perspectiva, como se constata nas inúmeras polêmicas que travou dentro e fora do movimento anarquista sobre individualismo, comunismo, antimilitarismo, sindicalismo, parlamentarismo, disciplina, violência, greve, etc. Em todos esses assuntos, seus interlocutores eram surpreendidos pela ducha fria

do pragmatismo e realismo malatestiano. Nettlau dizia que todos os outros pensamentos “parecem diferenciar-se de Malatesta”, e que embora internacionalmente se tenha seguido a figura mais brilhante de Kropotkin, “oxalá depois de sua morte se chegue a compreender enfim Malatesta!”⁴³.

“Compreender, enfim, Malatesta” significa abdicar de um pensamento único do anarquismo, muito em voga ontem e hoje. Significa entender o anarquismo como *processo e devir*, e os anarquistas como *sujeitos moralmente autárquicos*, que se bastam a si mesmos, com potencialidades associativas. Não nos espanta que Malatesta, ao contrário de seus predecessores, tenha sido odiado pelos anarquistas ansiosos em fazer valer seu ponto de vista; suas opiniões eram tidas como fantasias e quimeras e “teve Malatesta que resistir à crescente inimizade de quase todas as tendências anarquistas”⁴⁴. Ele foi o principal responsável por manter o anarquismo fora de dogmatismos e comodismos, que hoje, mais do que nunca, deve obter a máxima importância.

Malatesta pronunciou, por ocasião do 50º aniversário da morte de Bakunin, calorosas e não menos duras observações: “eu fui bakuniniano, como todos os camaradas de minha geração, infelizmente já distante no tempo. Hoje, depois de longos anos, não me considero mais como tal. Minhas idéias se desenvolveram e evoluíram. Hoje, penso que Bakunin foi muito marxista na economia política e na interpretação histórica. Creio que sua filosofia se debatia, sem conseguir sair, numa contradição entre a concepção mecanicista do universo e a fé na eficácia da vontade sobre os destinos do homem e da humanidade”⁴⁵. Para ele, no momento em que os anarquistas se rogaram “filósofos” e “científicos”, originou-

se uma confusão de palavras e idéias *nocivas* ao anarquismo.

Na polêmica com Kropotkin, o grande anarquista entusiasta do desenvolvimento científico desse período, por exemplo, Malatesta criticou a confusão que se estabelece entre ciência e anarquismo. Em sua obra *A ciência moderna e a anarquia*, Kropotkin tentou fundamentar os ideais do socialismo com base em resultados da investigação científica. Malatesta, não apenas foi o crítico destas concepções mas seguiu outros caminhos. Sem a ambição de ser “teórico” não formulou nenhum sistema. Ao contrário, dizia que se pode ser anárquico sob qualquer sistema filosófico: “há anarquistas materialistas como há outros, como eu, que [...] preferem declarar-se simplesmente ignorantes”⁴⁶. Era anarquista não por que a ciência indicou, mas por que *quis*.

Para Malatesta, as ciências e as teorias, sempre hipotéticas e provisórias, são um meio cômodo de reunir e relacionar fatos conhecidos e um instrumento útil para a investigação, o descobrimento e a interpretação de novos fatos, mas jamais serão *a verdade*; isso porque a ciência, sobretudo a “ciência social”, é quase sempre um verniz com o qual alguns cobrem seus desejos e vontades.

Ele não acreditou na infalibilidade do Papa, da Moral e da Sagrada Escritura, mais do que na ciência e neste sentido a *dúvida* lhe pareceu a posição mental de quem aspira aproximar-se da verdade, pois ela se coloca no campo infinito da investigação e do descobrimento, e apenas admite verdades *provisoriamente e relativamente* na espera de novas verdades: “Nenhuma fê, pois, no sentido religioso da palavra”: à vontade de *crer* Malatesta opôs a vontade de *saber*.

Malatesta discutiu abertamente suas divergências com Kropotkin um ano antes de vir a falecer, em seu último escrito de 15/04/1931, artigo onde recorda seu velho amigo: “Pietro Kropotkin — Ricorde e critique di un vechio amico”.

Kropotkin, na sua tentativa em fixar o lugar da anarquia na ciência moderna, disse que a anarquia é uma teoria do universo baseada na interpretação mecânica dos fenômenos, e que alcançava toda natureza incluindo a vida social.

Malatesta respondeu que “isso é filosofia, aceitável ou não, porém certamente não é nem ciência nem anarquia”⁴⁷. Para ele, anarquia é uma aspiração humana que não parte de nenhuma verdade, ou suposta verdade, ou necessidade natural, e cuja realização depende unicamente da vontade dos homens. Ela aproveita os meios que a ciência põe ao seu alcance, tanto quanto aproveita igualmente os progressos filosóficos: “porém não pode ser confundida, sem cair no absurdo, nem com a ciência, nem com qualquer sistema filosófico”.

Se por um lado, dirá Malatesta, Kropotkin se mostrou severo em relação ao fatalismo marxista, por outro caiu num fatalismo mecanicista ainda mais paralisante. Assim é que sua filosofia não poderia deixar de influir na sua visão de futuro: tendo o comunismo anárquico que ocorrer necessariamente, as dificuldades eram suprimidas ou ocultadas na forma de um otimismo exagerado e dentro de uma uniformidade mórbida.

Aqueles que pensaram o “anarquismo científico” não conseguiram escapar à moda de sua época. Nestas concepções, observou Malatesta, há “um pouco de sobrevivência das idéias religiosas” incorporadas pela ciência, na qual a divisa “tudo ocorre pela vontade de Deus”, foi substituída por “tudo ocorre segundo a natureza” ou “tudo

ocorre segundo a ciência”. Para Malatesta, tudo ocorrerá ou não segundo a vontade dos indivíduos livremente associados.

Entregar os destinos humanos ao providencialismo científico, não é menos diferente que entregá-lo nas mãos de Deus! A solidariedade para Malatesta não está dada na natureza, quando muito trata-se apenas de um *slogan* em que alguns homens se aferram. Ao contrário, a luta, a competição, os interesses discordantes constituem a realidade vivida: “Quando se diz que a liberdade de um indivíduo acha, não o limite, mas o complemento na liberdade dos demais”, se expressa em forma afirmativa um ideal sublime, talvez o mais perfeito que se possa destacar na evolução social; porém, se com isso se pretende afirmar um fato positivo, atual, ou que poderia atuar-se depois de destruir as instituições presentes, muda-se simplesmente a realidade objetiva por concepções ideais de nosso cérebro. [Já que a realidade] prova que muitas vezes nossa liberdade acha um limite na liberdade dos demais”⁴⁸.

Polêmicas não menos penosas Malatesta sustentou durante toda sua vida; a mais longa delas, objeto de livro, foi sobre o parlamentarismo, mantida igualmente com um velho amigo de militância anarquista, Saverio Merlino.

Merlino foi propagandista do anarquismo por mais de vinte anos, e igualmente crítico das posições comunistas kropotkinianas. A partir de 1897 passou a defender as eleições como forma de luta, reclamando a importância das chamadas liberdades políticas e da sua defesa devendo ser travada em todos os terrenos, incluindo o eleitoral: “nos dias que correm, cabe ao partido socialista (no qual incluo também os anarquistas não individualistas) a defesa da liberdade. Esta luta, na minha

opinião, deve ser travada em todos os terrenos, incluindo o das eleições, mas não exclusivamente nele”⁴⁹.

Malatesta respondeu imediatamente dizendo que “habituar o povo a delegar para outros a conquista e defesa dos seus direitos é a maneira mais segura de deixar livre curso à arbitrariedade dos governantes. O parlamentarismo vale mais do que o despotismo, é verdade; contudo, só quando aquele representa uma concessão feita pelo déspota, com medo do pior. Entre o parlamentarismo que se aceita e gaba, como se fosse uma meta intransponível, e o despotismo que se suporta, porque a tal se é forçado, com o espírito absorto pela desforra, é mil vezes melhor o despotismo”⁵⁰.

Malatesta desenvolveu essa polêmica com Merlino, a mais longa que sustentou, até janeiro de 1898. Cabe mencionar que a polêmica não é apenas de altíssima qualidade, mas também é tomada de respeito, honestidade e clareza que Malatesta preservou em relação a Merlino até sua morte. Por ocasião desta, disse que Merlino “foi um dos escritores mais capazes, mais claros e mais convincentes, entre os que escreveram sobre o tema que tanto defendemos. [...] Colocamos sobre a sua campa a flor do reconhecimento, fazendo votos para que um dia a nova geração tenha a possibilidade de conhecer a sua obra anarquista, que ignora totalmente”⁵¹.

Vontade anarquista

Exceto os seus numerosos artigos, aos quais sempre foram escritos tendo por objetivo debater e orientar o público anarquista, serão seus cinco ensaios considerados os mais representativos de seu pensamento: “Entre Camponeses”, “No Café”, “Em Tempo de Eleições”, “A anarquia” e “Nosso Programa”; destes cinco ensaios, os

três primeiros são escritos na forma de diálogos dirigidos ao público geral, onde questões cotidianas levam a exposições muito completas das concepções anarquistas. O mais célebre deles, “Entre Camponeses” (*Fra Contadini*, 1884) chama seu interlocutor a absorver as idéias sem disso aperceber-se; trata-se, em suma, de uma técnica que, levando o interlocutor a contradizer-se, o faz problematizar a si mesmo e onde, ao invés de “informar”, “forma” nele valores que, ao contrário do discurso impessoal, recobre uma dimensão ética da adesão voluntária de seu interlocutor. Mesmo em um texto supostamente “informativo” como “A anarquia”, depara-se com alocações como: “imaginem, pois, que ao homem de pernas atadas, do qual falamos, o médico expõe toda uma teoria e dá mil exemplos habilmente inventados para persuadi-lo de que, com suas pernas livres ele não poderia caminhar nem viver, este homem defenderia enraivecidamente suas correntes e consideraria como inimigos aqueles que quisessem arrebatá-las”⁵².

Os diálogos de Malatesta não visam construir uma teoria, nem uma norma ou demonstrar o bem; sua concepção anarquista é avessa a isso, ele não subordinou o anarquismo a nenhuma teoria filosófica ou científica. Para ele, o anarquismo é uma *atitude* anti-autoritária e de solidariedade social, um alvo a realizar por uma *vontade* criadora e para a qual a finalidade da propaganda é a persuasão; aqui o sujeito ético é peça fundamental, pois de sua vontade depende a atitude anarquista. Vê-se relativizada uma certa idealização das massas, própria a Bakunin. No voluntarismo malatestiano, o apelo é do “indivíduo” ao “indivíduo”; vê-se igualmente um caminho oposto trilhado por seu velho amigo Kropotkin, para quem “toda sociedade que romper com a propriedade particular, ver-se-á forçada, no nosso entender, a organizar-se em comunismo anarquista”⁵³.

Para produzir efeitos anarquistas é necessário uma vontade anarquista, e para formar essa vontade há a propaganda que, por meio da educação, difunde os valores e os sentimentos anárquicos o mais amplamente possível. Para Malatesta, ainda que destruído o Estado e a propriedade, a anarquia não nascerá por obra da natureza nem por força dos fatos, é preciso querê-la; e neste sentido, discorda tanto de Bakunin como de Kropotkin. Nele, o único fato inegável é que queremos viver a anarquia porque *queremos* tirar da vida a máxima satisfação possível, e quando se nega a vontade e a faz parecer risível frente a todo esforço para um objetivo qualquer, é porque esse objetivo repugna nossos sentimentos fazendo a ação impossível.

O que é vontade? perguntava-se. “Não sabemos, assim como não sabemos o que são, em sua essência, a matéria e a energia”⁵⁴. O fato é que queremos viver uma vida consciente e ativa e essa vida exige certas disposições necessárias que podem ser inconscientes, mas que estão sempre nos ânimos de todos: “ide persuadir de que os anarquistas têm razão a alguém que seja insensível aos males alheios, que se apraz em viver do trabalho dos demais, que se satisfaz circundado de escravos obedientes! Um sentimento não se comunica senão despertando um sentimento análogo no ânimo alheio. E a anarquia reside completamente em um sentimento: o respeito à personalidade humana e o amor a todos”⁵⁵.

É por isso que a palavra *vontade* sintetiza bem a concepção de sociedade anarquista para Malatesta, uma vez que não pode ser mais que uma sociedade de homens que cooperam *voluntariamente* para o bem de todos. Ademais, a *vontade* lhe aparece como única força criadora tangível, única força que, operando por minorias e núcleos diversos de anarquistas, é capaz de ir subtraindo às “multidões volúveis” sua adaptação ao ambiente e

seu estado de apatia. É preciso liberar das “massas” sua vontade para que ela perca o hábito de se deixar governar e para isso é preciso um longo e paciente trabalho de preparação e organização popular, sem cair na ilusão da revolução “a curto prazo”, que apenas é factível pela iniciativa de poucos e por curto período.

Ambrósio — “Porém, se os homens não quiserem pensar nisso?”

Jorge — “Tanto pior para eles. Você não quer compreender: não há nenhuma providência, seja divina ou natural, que se ocupe do bem dos homens. De seu bem, é necessário que os homens se preocupem por si mesmos, fazendo o que julguem útil e necessário para conseguir o fim. E você dirá ainda: porém, e se não querem? Nesse caso não conseguirão nada e permanecerão presas das forças cegas que lhes circundam. É o que acontece hoje: os homens não sabem como fazer para serem livres, e os que sabem, não querem fazer o que é preciso para libertar-se. E por isso continuam sendo escravos. Porém esperamos, mais cedo do que você pensa, que eles saibam e queiram. Então, serão livres!”⁵⁶.

Notas

¹ Pierre-Joseph Proudhon. *Las Confesiones de un revolucionario para servir a la Historia de la Revolucion de febrero de 1848*. Buenos Aires, Editorial Americalee, s/d, p. 137.

² Pierre-Joseph Proudhon. *O que é a propriedade?*. Lisboa, Editorial Estampa, s/d, p. 13.

³ Max Nettlau. *Socialismo Autoritario y Socialismo Libertário: estúdios y sugerencias sobre la acción internacional del anarquismo en la lucha contra la reacción mundial*. Barcelona, Guilda de Amigos del Libro, s/d, p. 47.

⁴ Rudolf Rocker. *As idéias absolutistas no socialismo*. São Paulo, Ed. Sargitário, 1946, p. 65.

⁵ Idem.

⁶ Émile Zola. *Germinal*. São Paulo, Circulo do Livro, s/d, p. 251.

⁷ Cf. Marinice da Silva Fortunato. *A categoria solidariedade humana no pensamento de Kropotkin*. São Paulo, Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998, p. 107.

⁸ Piotr Kropotkin. *Ética (parte primera). Origen y evolucion de la moral*. Buenos Aires, Editorial Argonauta, 1925, p. 19.

⁹ Jaime Cubero. *As idéias-força do anarquismo*. Centro de Cultura Social, datilo, 1991.

¹⁰ Menoridade enquanto ausência de pretensões à maioria, permanecer menor. A esse respeito ver Edson Passetti. *Éticas dos amigos — invenções libertárias da vida*. São Paulo, Imaginário/CAPES, 2003.

¹¹ Mauricio Tragtenberg. “A atualidade de Errico Malatesta” in *Folha de São Paulo*, 16/01/1973, p. 06-07.

¹² Cf. Armand Cuvillier. *Proudhon*. México, Fondo de Cultura Económica, 1986, p. 138.

¹³ Peter Heintz. *Problemática de la autoridad en Proudhon – ensayo de una crítica immanente*. Buenos Aires, Editorial Proyección, 1963, p. 54.

¹⁴ Mikhail Bukunin. *Confesión ao Zar Nicolás I*. Barcelona, Ed. Labor, 1976, p. 69.

¹⁵ Jacques Freymond (dir.). *La Primeira Internacional, Tomo I*. Madri, Edita Zero, 1973, p. 16.

¹⁶ Cf. Juan Gomes Casa. *Nacionalimperialismo y Movimiento obrero en Europa – hasta después de la segunda Guerra Mundial*. Madrid, CNT-AIT, 1985, p. 66.

¹⁷ Idem, p. 71.

¹⁸ Prosper-Olivier Lissagaray. *História da Comuna de 1871*. São Paulo, Ensaio, 1995, p. 285.

¹⁹ Idem, p. 284.

²⁰ É conhecida a posição de Marx-Engels diante da guerra franco-prussiana; Marx, que chamava a seção internacionalista franco-suíça de “asnos proudhonianos”, escrevia a Engels em 20/07/1870: “Os franceses precisam de umas chicotadas. Se os prussianos saem vitoriosos, a centralização do poder do

Estado será útil à concentração da classe operária alemã. A preponderância alemã, ademais, transportará o centro de gravidade do movimento operário europeu da França para Alemanha; e basta comparar somente o movimento em ambos os países desde 1866 até agora para ver que a classe operária alemã é superior à francesa, tanto do ponto de vista teórico como na organização. A preponderância, no teatro do mundo, do proletariado alemão sobre o proletariado francês, seria ao mesmo tempo a preponderância de nossa teoria sobre a de Proudhon”. Apud Juan Gomes Casa, op. cit., p. 74.

²¹ Élisée Reclus. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo, Imaginário/Expressão & Arte, 2002, p. 51.

²² Luigi Fabbri. *Malatesta*. Buenos Aires, Editorial Americalee, s/d, p. 62.

²³ Max Nettlau. “En memoria de Errico Malatesta” in Errico Malatesta. *Escritos*. Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 2001, p. 363.

²⁴ Vernon Richards. “Apuntes para una biografía” in *Malatesta, vida e ideas*. Barcelona, Tusquets Editor, 1977, p. 296.

²⁵ Max Nettlau. *Socialismo Autoritário y Socialismo Libertario: estudios y sugerencias sobre la acción internacional del anarquismo en la lucha contra la reacción mundial*. Barcelona, Guilda de Amigos del Libro, s/d, p. 52.

²⁶ Luigi Fabbri, op. cit., p. 60.

²⁷ Idem, p. 23.

²⁸ Cf. Luigi Fabbri, op. cit., p. 24.

²⁹ Idem, 73.

³⁰ Luigi Fabbri, op. cit., p. 25.

³¹ Errico Malatesta. *Volontà*. 15/06/1913.

³² Luigi Fabbri, op. cit., p. 54.

³³ Vernon Richards. op. cit., p. 295.

³⁴ Ver a respeito Christian Ferrer. “Gastronomia e anarquismo — vestígios de viagens à Patagônia trapeiro”. *Verve*, São Paulo, Nu-sol, n° 3, 2003, pp. 137-160.

³⁵ Max Nettlau. *La anarquía a través de los tiempos*. Barcelona, Edições Júcar, 1978, p. 121.

³⁶ Max Nettlau. “En memoria de Errico Malatesta” in Errico Malatesta. op. cit., p. 374.

³⁷ Cf. Vernon Richards. op. cit., p. 338.

³⁸ Luigi Fabbri. op. cit., p. 119.

³⁹ Idem. p. 120.

⁴⁰ Ibidem, p. 130.

⁴¹ Idem. p. 140.

⁴² Júlio Carrapato. “Breve posfácio” in Errico Malatesta e Francesco Saverio Merlino. *Democracia ou Anarquismo? A célebre polémica sobre as eleições, o parlamentarismo, a liberdade, o anarquismo e a ação revolucionária que apaixonou a Itália rebelde*. Faro, Edições Sotavento, 2001, p. 257.

⁴³ Max Nettlau. *La anarquía a través de los tiempos*. op. cit., p. 144.

⁴⁴ Max Nettlau. “En memoria de Errico Malatesta” in Errico Malatesta, op. cit., p. 379.

⁴⁵ Errico Malatesta. *Escritos revolucionários*. Brasília, Novos Tempos, 1989, p. 130.

⁴⁶ Errico Malatesta. *Pensiero e volontà*. 01/07/1925.

⁴⁷ Idem, p. 56.

⁴⁸ Errico Malatesta. *Escritos*. op. cit., p. 21.

⁴⁹ Francesco Saverio Merlino. *Il messaggero*. 29/01/1897. Errico Malatesta e Francesco Saverio Merlino. op. cit., pp. 10-11.

⁵⁰ Errico Malatesta. *Il messaggero*. 07/02/1897. Idem, p. 13.

⁵¹ Errico Malatesta. *Il risveglio*. 26/07/1930. Ibidem, pp. 214-215.

⁵² Errico Malatesta. *A anarquia e outros escritos*. São Paulo/Brasília, Centro de Cultura Social/Ed. Novos Tempos, 1987, p. 10.

⁵³ Piotr Kropotkin. *A conquista do pão*. Lisboa, Guimarães & Cia. Editores, 1975, p. 45.

⁵⁴ Errico Malatesta. *Pensiero e volontà*. 01/02/1926 in Vernon Richards, op. cit., p. 63.

⁵⁵ Luigi Fabbri, op. cit., p. 196.

⁵⁶ Errico Malatesta. *Hacia una nueva humanidad*. Porto Alegre, Edições Proa, 1969, p. 136.

Recebido para publicação em 10 de março de 2003